

## ESPORTE COMO LAZER OU ALTO RENDIMENTO E O DESEMPENHO OCUPACIONAL DE MULHERES COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Recebido em: 05/12/2023

Aprovado em: 15/02/2024

Licença: 

*Julie King Gottberg*<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo (USP)

Ribeirão Preto – SP – Brasil

<https://orcid.org/0009-0008-7592-6031>

*Leonardo Martins Kebbe*<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo (USP)

Ribeirão Preto – SP – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-2360-7342>

*Regina Yoneko Dakuzaku Carretta*<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo (USP)

Ribeirão Preto – SP – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-3228-2287>

**RESUMO:** Para a Terapia Ocupacional, o esporte é uma atividade humana relacionada às ocupações de Lazer, Trabalho, Gerenciamento de Saúde e Participação Social, além de um possível recurso terapêutico. O objetivo desta pesquisa é identificar, na perspectiva de mulheres atletas com deficiência visual e de seus treinadores, quais são os impactos do esporte na participação social e no desempenho ocupacional, além das dificuldades encontradas. Trata-se de um estudo exploratório, transversal, descritivo, qualitativo, com coleta de dados feita por entrevistas semiestruturadas e análise pela Análise de Conteúdo Temática. Pode-se concluir que o esporte tem um impacto positivo principalmente na autoestima e participação social dessas atletas, porém, ainda existem muitas barreiras socioculturais, físicas e estruturais para que essa prática ocorra de maneira satisfatória e tenha um impacto prático no desempenho ocupacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pessoas com deficiência visual. Esportes para Pessoas com Deficiência. Terapia ocupacional.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - FMRP-USP, Ribeirão Preto, São Paulo; Grupo de Pesquisa “Saúde, Ocupação e Contextos Psicossociais”.

<sup>2</sup> Terapeuta Ocupacional, Professor Doutor docente do curso de graduação de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - FMRP-USP, Ribeirão Preto, São Paulo; Grupo de Pesquisa “Saúde, Ocupação e Contextos Psicossociais”.

<sup>3</sup> Terapeuta Ocupacional, Professora Doutora docente do curso de graduação de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - FMRP-USP, Ribeirão Preto, São Paulo; Grupo de Pesquisa “Saúde, Ocupação e Contextos Psicossociais”.

## **SPORTS AS LEISURE OR HIGH PERFORMANCE AND THE OCCUPATIONAL PERFORMANCE OF WOMEN WITH VISUAL IMPAIRMENTS**

**ABSTRACT:** Sports are seen by Occupational Therapists as a human activity related to the occupations Leisure, Work, Health Management and Social Participation and also as a possible therapeutic resource. This study aims to identify the perspective of visually impaired female athletes and their coaches, about the impacts of sports on social participation and occupational performance, in addition to identifying difficulties. The study is exploratory, cross-sectional, descriptive, qualitative, with semi-structured interviews for data collection and analysis based on thematic analysis. As results, the practice of physical activities has a meaningful impact on the self-esteem and social participation of the athletes, however, there still are sociocultural, physical and structural barriers for a satisfactory practice and for a positive real impact on the occupational performance of the population studied.

**KEYWORDS:** Visually impaired persons. Sports for persons with disabilities. Occupational therapy.

### **Introdução**

As disfunções do sistema visual podem ser causadas por alterações em qualquer das estruturas que compõe este sistema sensorial, incluindo os olhos e anexos, as vias visuais e as áreas cerebrais que são responsáveis por iniciarem e controlarem a percepção visual e o comportamento orientado visualmente, de acordo com a Classificação Internacional de Doenças 11 (WHO, 2018). Assim, a deficiência visual é classificada pela Organização Mundial da Saúde em categorias que incluem desde a perda visual leve até a ausência total da visão, baseando-se em valores quantitativos de acuidade visual e campo visual para definir clinicamente a cegueira ou a baixa visão. Atualmente, há cerca de um bilhão de pessoas no mundo que têm algum tipo de deficiência visual moderada ou grave, incluindo a cegueira (WHO, 2023). A OMS também afirma que adultos com deficiência visual possuem índices maiores de depressão e ansiedade, além de a condição de deficiência poder contribuir para quadros de isolamento social, dificuldades na mobilidade e aumento nos riscos de quedas e

fraturas (WHO, 2023). Além disso, a deficiência visual, em qualquer grau, leva a impedimentos funcionais que limitam os indivíduos em sua participação e desempenho em suas atividades diárias, interferindo em sua independência, autonomia e qualidade de vida (SILVA, 2014, p.292).

Diante dessas questões, o paradesporto pode ser considerado, de acordo com o Comitê Paraolímpico Internacional (2000), como uma forma de Reabilitação, Lazer e Alto Rendimento (trabalho), que pode oferecer diversos benefícios para a pessoa com deficiência visual, desde melhora nas capacidades motoras até no aumento da autonomia e independência e na promoção da inclusão social (OLIVEIRA *et al.*, 2013, p.177). Entretanto, a prática esportiva ainda é uma atividade considerada predominantemente masculina pela sociedade, uma vez que tanto o desporto quanto o paradesporto feminino tem pouca visibilidade, seja na mídia, nas associações esportivas, na educação física escolar ou nas políticas públicas de lazer. Assim, este estudo tem o enfoque na população feminina com deficiência visual buscando dar alguma visibilidade para esta população.

Atualmente, existem oito modalidades paralímpicas que são praticadas por pessoas com deficiência visual, que são: atletismo, triatlo, natação, futebol de 5 (exclusivo para cegos), goalball, judô, ciclismo e remo. Porém, existem também outras modalidades que não estão nos jogos paralímpicos mas que já estão adaptadas para permitir a prática por pessoas com deficiência visual como o surf, o futebol B2/B3, o boliche e o Powerlifting.

Os esportes para pessoas com deficiência visual divide os atletas em categorias definidas pela International Blind Sport Association (IBSA, 2005) que são:

B1: Ausência total da percepção da luz em ambos os olhos, ou alguma percepção da luz, mas com incapacidade para reconhecer a forma de uma mão em qualquer distância ou sentido;

B2: Da habilidade de reconhecer a forma de uma mão até uma acuidade visual de 2/60 metros e/ou um campo visual inferior a 5° de amplitude;

B3: Acuidade visual superior a 2/60 metros até 6/60 metros e/ou um campo visual de mais de 5° e menos de 20° de amplitude.

Para a realização dessa classificação, os testes são feitos sempre com o melhor olho e a correção mais elevada possível, ou seja, os atletas que usam lentes de contato ou vidros devem utilizá-las normalmente durante a classificação, mesmo se pretenderem ou não utilizá-las durante as competições.

No âmbito do esporte, é importante ressaltar que existe um campo de atuação multidisciplinar que inclui profissionais de educação física, fisioterapeutas, psicólogos, terapeutas ocupacionais, médicos e nutricionistas.

Entretanto, esse estudo fundamenta-se na atuação do terapeuta ocupacional, que vê a prática esportiva como uma atividade que pode estar ligada às ocupações de lazer, trabalho e participação social. Ocupação é definida pela American Occupational Therapy Association (GOMES; TEIXEIRA; RIBEIRO, 2021, p.9) como as atividades de vida diária nas quais as pessoas se envolvem de forma significativa e dentre estas, o Lazer é definido como uma atividade não obrigatória realizada durante o tempo livre e motivada pelo próprio sujeito, com o objetivo de proporcionar momentos de descontração e diversão; a Participação Social é o envolvimento em atividades em que se tem uma interação bem sucedida com a comunidade, família, pares e amigos; e o Trabalho é definido como ocupações remuneradas ou não que incluem o esforço do fazer visando a organização, o planejamento e a avaliação de serviços ou processos do

viver ou de gestão. E, de acordo com a *Occupational Therapy Guidelines for Client-centred Practice* da Associação Canadense de Terapia Ocupacional, o Desempenho Ocupacional refere-se a capacidade de realizar ativamente rotinas e desempenhar papéis e ocupações que têm como objetivo o autocuidado, a produtividade e o lazer em resposta às necessidades e motivações do meio externo e interno ao indivíduo (BLAIN, TOWNSEND, 1993, p.280).

Com estas considerações, este trabalho tem como objetivo identificar, na perspectiva de mulheres atletas com deficiência visual e de seus treinadores, os impactos da prática do esporte na participação social e no desempenho ocupacional dessas atletas, além das dificuldades encontradas.

### **Percurso Metodológico**

O estudo caracteriza-se como exploratório, transversal, descritivo, qualitativo, com a coleta de dados feita a partir de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram realizadas entre novembro de 2022 e janeiro de 2023.

Os participantes da pesquisa foram selecionados por conveniência, isto é, considerando-se possibilidades mais viáveis para realização dos contatos. Buscou-se nas redes sociais, as instituições do estado de São Paulo que ofereciam práticas esportivas a pessoas com cegueira ou baixa visão, iniciando-se pelo município no qual residem os pesquisadores. A partir desses contatos iniciais, utilizou-se da estratégia de Bola de Neve para identificar outros sujeitos, isto é, a partir de um primeiro participante, este indica o segundo, que indica um terceiro sucessivamente.

Para as mulheres, os critérios de inclusão foram a participação em algum esporte, seja individual ou coletivo, durante um período de pelo menos seis meses; ter cegueira ou baixa visão; praticar o esporte como forma de lazer ou de alto rendimento.

Os critérios de exclusão foram a presença de múltipla deficiência e impedimentos na comunicação verbal que pudessem comprometer a realização da entrevista.

Para os treinadores, os critérios de inclusão foram trabalhar com o esporte para pessoas com deficiência visual por um período mínimo de seis meses, podendo ser em qualquer modalidade.

As entrevistas foram realizadas de forma remota, pelas condições impostas pela pandemia de COVID-19 e seguiu todas condições de registro sigiloso e orientou-se por desenvolver-se em condições ambientais adequadas quanto a ruídos, interferências e privacidade. O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, sob o parecer no. 5.679.151.

Para todos os participantes da pesquisa foi lido e enviado via e-mail ou Whatsapp o Termo de Consentimento de Livre Esclarecimento (TCLE) pelo entrevistador antes do início da entrevista.

A análise foi feita pela Análise de Conteúdo Temático (MINAYO, 1998), agrupando-se as informações resultantes das entrevistas em categorias analíticas.

## **Resultados e Discussão**

Foram entrevistadas nove mulheres de 18 a 60 anos de idade que residiam no Estado de São Paulo, e que praticavam alguma modalidade esportiva e quatro profissionais que trabalhavam como treinadores em alguma modalidade esportiva destinada a pessoas com deficiência visual.

Os dados gerais das atletas, são apresentados no Quadro 1:

**Quadro 1:** Dados gerais das atletas entrevistadas

Nome	Idade	Procedência	Grau da DV	Causa da DV	Esportes praticados	Tempo de
------	-------	-------------	------------	-------------	---------------------	----------

						<b>prática</b>
ATLETA 1	35	Ribeirão Preto/ SP	Cegueira total	Glaucoma Cong.	Natação, Ginástica e Futebol de 5 (Fut5)	14 anos
ATLETA 2	19	Ribeirão Preto/ SP	Cegueira total	Síndrome de Marfan	Futebol de 5 (Fut5)	4 anos
ATLETA 3	43	São Joaquim da Barra/ SP	8% da visão	Síndrome de Marfan	Ciclismo	4 anos
ATLETA 4	52	Serrana/ SP	Cegueira Total	Glaucoma Cong.	Educação Física e dança	5 anos
ATLETA 5	52	Ribeirão Preto/ SP	Cegueira Total	Glaucoma Cong.	Pilates, Ioga, Thai Chi, Ciclismo, Natação e Musculação	7 anos
ATLETA 6	24	São Paulo/ SP	Cegueira total	Toxoplasmose congênita	Natação	13 anos
ATLETA 7	35	São Paulo/ SP	Cegueira total	Tumor cerebral	Natação, Goalball	22 anos
ATLETA 8	21	Novo Horizonte/ SP	20 a 40% da visão	Retinoblastoma	Ginástica artística, natação e atletismo	12 anos
ATLETA 9	46	São Paulo/ SP	Cegueira total	Glaucoma congênito	Atletismo e Goalball	27 anos

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

A faixa etária das mulheres entrevistadas variou bastante, sendo a mais jovem com 19 anos e a mais adulta com 52 anos. Seis das nove entrevistadas, apesar do período grande de prática, tiveram em algum momento ou refere que a sua prática será interrompida contra a sua vontade, seja pela falta de incentivos, dificuldade de acesso às práticas ou seja pelo fim do time ou projeto que fazem parte. Das entrevistadas, três - Atletas 6, 7 e 9 - praticam ou praticaram o esporte de forma profissional, ou seja, consideram o esporte como a principal fonte de renda e têm uma rotina de treinos visando o alto rendimento.

Sobre os treinadores entrevistados, os dados gerais estão descritos no Quadro 2:

**Quadro 2:** Dados gerais dos treinadores

<b>Inicial</b>	<b>Gênero</b>	<b>Modalidades</b>	<b>Tempo de atuação</b>
TREINADOR 1	Feminino	Goalball e Natação	28 anos
TREINADOR 2	Masculino	Goalball	21 anos
TREINADOR 3	Feminino	Goalball, Atletismo e Natação	30 anos
TREINADOR 4	Masculino	Futebol de 5, Goalball, Atletismo e Ginástica	5 anos

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Todos os treinadores entrevistados trabalham ou já trabalharam tanto com atletas mulheres quanto homens. Três deles focavam no esporte de alto rendimento e em competições ao invés do esporte como forma de lazer. Dos treinadores, somente um nunca trabalhou com uma equipe exclusivamente feminina, trabalhando somente com equipes mistas ou masculinas.

Os dados da entrevista e a sua análise através da Análise de Conteúdo Temática, resultaram em seis categorias, discutidas a seguir:

### **Impactos no Cotidiano**

Todas as atletas apontaram diferenças positivas na sua vida cotidiana ao comparar o antes e o depois da prática esportiva. A disposição e a motivação, tanto física quanto mental, para realizar suas atividades e ocupar seus espaços, foram temas trazidos.

Com o esporte fiquei mais ativa, disposta, minha mente não fica aberta a pensar tristeza (Atleta 1).



Você tem uma melhora em tudo que você vai fazer, desde uma faxina na casa, tudo melhora, o seu corpo se sente melhor, somem as dores, some tudo. Eu me sinto mais disposta num geral (Atleta 5).

Além disso, o esporte promove um senso de capacidade que é tanto percebido pelas atletas quanto pelas pessoas ao redor delas. Foi apontado nas entrevistas que a prática esportiva abriu portas para ampliar a participação em outras ocupações da vida como na mobilidade, nas atividades de vida diária, nas atividades instrumentais de vida diária e até mesmo na educação e trabalho.

Minha mãe tinha essa visão que eu não podia fazer nada, eu não podia lavar louça porque podia quebrar... quando eu comecei o esporte, foi outra visão, tanto os meus irmãos quanto a minha família, meu pai, minhas primas, meus tios, tiveram de mim, do cego né? Da pessoa com deficiência que podia também fazer tudo... a visão que a minha família tinha mudou depois que eles viram que eu era capaz também, né? (Atleta 7).

Este aspecto de ampliação da vida ocupacional também foi trazido pelos treinadores entrevistados:

É muito legal ver a transformação através do esporte. O esporte (para muitas delas) foi o gatilho para continuarem a viver e buscar coisas legais para a vida. Então é fácil eles voltarem a estudar, se já terminou o colégio, ele vai pra uma faculdade. Eles acabam voltando às antigas práticas, vamos dizer, né? seja o estudo, seja algum tipo de atividade ou eles começam a ter interesse em fazer alguma coisa além do esporte também (Treinador 2).

Considerando o que foi posto acima, foi possível observar que o contato consigo mesma e com o próprio corpo possibilitado pela prática do esporte, permite uma percepção mais afetiva e de maior aceitação da condição da deficiência, uma vez que o esporte desconstrói a crença de que ter uma deficiência é sinônimo de ser incapaz. De acordo com Ranieri e Barreira (2010, p.58), a experiência de superação pode ser uma condição que estimula a própria prática esportiva, o ponto principal que motiva à prática e dá um significado singular ao esporte para a pessoa com deficiência visual.

Para mim significa liberdade, independência, autonomia, saúde principalmente e mesmo socialização... o esporte para mim é tudo (Atleta 2).

## **Lazer e Trabalho**

Sobre o papel do esporte em promover ampliação do lazer ou até mesmo das oportunidades de trabalho, considerando o alto rendimento, as participantes foram críticas com relação à falta de oportunidades para que a prática se torne de fato uma atividade sólida.

Três das seis entrevistadas que praticam o esporte como lazer, trouxeram que almejam o alto rendimento e gostariam de treinar mais vezes na semana, porém não tem essa oportunidade. E o motivo principal para essa falta de oportunidade para adentrar ao alto rendimento tem origem nas diferenças de gênero dentro do esporte, uma vez que o local em que praticam não tem times exclusivamente femininos, tema que será abordado com mais profundidade mais à frente, no tema “Diferenças de gênero”.

Os times tinham que ser mais rígidos para que as pessoas que quisessem jogar mesmo, pudessem levar mais a sério. Igual em São Paulo tem fut5 mas não tem (time) de mulheres (Atleta 1).

Sobre os impactos do esporte na ocupação Lazer, a maioria das entrevistadas trouxeram o esporte como a sua principal fonte de lazer, entretanto houveram ressalvas quanto a falta de autonomia e a dependência de videntes para poderem praticar seu esporte, como posto a seguir:

Para o deficiente visual, eu acho que não dá para considerar muito o esporte como uma forma de lazer porque você tem poucos lugares para praticar esse esporte, então eu não posso falar igual qualquer outra pessoa da minha cidade tipo “ah eu vou ali para a esquina jogar futebol”. Não dá para fazer isso por causa do custo mesmo dos materiais e por não ter locais apropriados para praticar o fut 5 (Atleta 4).

Das atletas que praticam o alto rendimento, duas das três apontaram que a fonte de renda advinda da prática esportiva é suficiente para suas necessidades, enquanto que a outra apontou que nunca foi capaz de se dedicar exclusivamente ao esporte uma vez que teve de trabalhar em outros ambientes para complementar a renda da bolsa atleta recebida. Além do mais, que esta bolsa demorou para chegar:

Desde quando foi lançado né programa o programa Bolsa Atleta eu sou contemplada então isso tudo fez com que me ajudasse a a tanto na parte eh

alimentar na parte também de conseguir uma casa, pagar minhas contas, ficar mais tranquila, ter um plano de saúde (Atleta 7).

Só depois de onze anos que eu estava na carreira esportiva eu também passei a ser remunerada por fazer esporte. Não como um trabalho, era uma bolsa, né? Que eu recebia. Só que eu nunca pude ficar sem trabalhar. Eu sempre tive que ter uma atividade profissional paralela porque o que eu ganhava do esporte não me permitia viver no esporte (Atleta 9).

Para uma das participantes, o esporte foi inspiração direta para continuar os estudos e se especializar na área do esporte para pessoas com deficiência, uma vez que hoje ela está fazendo faculdade em educação física:

Acho que (o esporte) foi uma um abridor de portas, porque se não fosse contato com o esporte talvez hoje eu não estaria aqui fazendo essa graduação (Atleta 8).

## **Participação Social**

Grubano (2014, p.17) afirmou em seu estudo que o esporte adaptado viabiliza acessos nunca alcançados pelas pessoas com deficiência e que o mesmo permite que eles se enxerguem como cidadãos com objetivos e dotados de desempenho e capacidade de realização. Os resultados obtidos neste estudo não apontam para conclusões diferentes. Foi por meio do esporte que todas as nove entrevistadas relataram que melhoraram suas relações com pessoas que já faziam parte de seu ciclo social, conheceram novas pessoas e criaram novas redes de apoio:

Eu fiquei mais calma, mais compreensiva, me tornei uma pessoa mais tolerante. Você aprende a ter mais sabedoria né, porque você está convivendo na sociedade. É um local que você encontra muitas pessoas, você pega amizade com muitas pessoas, então você começa a ter contato com a sociedade (...) Eu não tinha convivência com a sociedade, (o esporte) abriu a porta para a sociedade também (Atleta 3).

Agora eles (familiares) ficam ‘nossa anda de bicicleta, faz musculação’. Então o pessoal olha para gente de um jeito mais interessante assim, né? De ‘puxa, ela não está em casa sentada esperando a vida passar’. Veem a gente como pessoas mais ativas num geral (Atleta 5).

Antes do esporte eu tinha muito era muito tímida né? Eh tinha um pouco de dificuldade pra fazer amizade tinha um pouco de dificuldade até a escola pra apresentação de trabalho, né? Quando eu comecei a fazer natação, a gente viajando, a gente teve que interagir com mais pessoas, competir na frente de muita gente, acho que me ajuda bastante na parte social. Bastante mesmo (Atleta 6).

Os treinadores também trouxeram essa percepção de que o esporte é uma porta de entrada importante para a formação de novas redes sociais de apoio e para o contato com a sociedade em si. E também acrescentaram que o esporte é um meio significativo para criação de novos papéis e relações afetivas entre os atletas:

Eu penso que assim, os benefícios são diversos, mas a questão de integração social, de encontrar o seu público, com quem você identifica, com quem você é, conversar na mesma linguagem, nos mesmos padrões, esse é o essencial (Treinador 1).

E o aspecto de sociabilidade, de interação com outras pessoas, de convivência, de fazer amizade quando nós vamos para competições é natural que tenha encontros com pessoas de outras equipes e desses encontros surgem bate-papos, amizades, vínculos que vão eventualmente se tornar duradouro e mantidos (Treinador 4).

Por outro lado, também foi apontado que a falta de oportunidade de viver a prática esportiva em seu máximo, é um fator que também limita o potencial de inclusão que o esporte pode promover:

Conheci algumas pessoas sim, mas não tanto quanto seria com uma pessoa que começa a jogar futebol. Porque fica muito fechado naquele ciclo que já está sempre ao nosso entorno. Eu acho que esse ciclo só se expandiria no caso de competições, sabe (Atleta 2).

### **Principais Dificuldades ou Limitações**

A falta de locais para praticar, a falta de patrocínios e incentivos ao esporte e a falta de profissionais ou a falta de preparo destes para com a pessoa com deficiência, foram os obstáculos mais apontados para a prática da atividade física.

De acordo com Ferreira e Botomé (1984 *apud* SOUZA, 2003) a existência de serviços voltados para a atenção ao deficiente não implica que os mesmos estarão acessíveis. É necessário que essas pessoas sejam instrumentadas para adquirir as informações sobre quais são esses serviços, quais adequações às suas necessidades e de quais meios podem utilizar para chegar a esses serviços. A falta de acessibilidade e incentivos para chegar à prática foi uma questão bastante discutida nas entrevistas tanto pelas atletas quanto pelos treinadores, como apontam os recortes:

Custa ter os locais para praticar, custa ter as modalidades e quando tem, não é algo que é duradoura igual acontece com as modalidades para pessoas sem deficiência. Para as outras modalidades como o goalball, o fut5, atletismo, você sabe que existem mas só conhece mesmo de pesquisar e isso também você só conhece se tiver o interesse de pesquisar e ir atrás. Porque se não, nunca se fala, é muito raro ouvir comentando de um atleta de judô cego, por exemplo (Atleta 2).

Eu gostaria que o esporte tivesse mais perto da casa das pessoas. Eu acho que isso ajudaria muito. Muitas vezes uma pessoa, para praticar esporte ela tem que se deslocar por duas horas... Então se o esporte para pessoa com deficiência estivesse na escola, nas praças, nos clubes muito mais pessoas com deficiência poderia ter acesso e conseqüentemente praticar (Atleta 9).

Existem iniciativas já há um bom tempo de esporte voltado para pessoas com deficiência. Mas geralmente ocorre em determinado local, um determinado horário, tende a ser distante da residência, então nunca está previsto ou incluído um auxílio transporte, um transporte que busque ou aproximar mais do público, saber aonde essas pessoas estão, aquela prática ficar mais próxima delas. Eu acho que essa é uma das maiores dificuldades, né? Possibilitar que seja fácil de chegar até aquele local (Treinador 4).

Além disso, Azevedo e Barros (2004, p.80) apontam que o esporte é um dos requisitos indispensáveis para atingir a dimensão total da inclusão social, mas que, no Brasil, a pessoa com deficiência encontra muito mais dificuldades e barreiras para a prática do que outras pessoas. Um exemplo dessa realidade é a falta de aceitação ou preparo das academias para matricular pessoas com deficiência visual, experiência que foi trazida por quatro participantes do estudo, como aponta os relatos a seguir:

Nas academias, é muito difícil aceitarem pessoas com deficiência visual pois falam que não tem ninguém para instruir ou auxiliar nos aparelhos. Eu gostaria que tivesse uma academia mais acessível para pessoas com deficiência visual por que eles veem uma barreira na gente (EP).

Por sorte, um vizinho meu tá indo comigo (na academia), mas assim, se eu tivesse sozinha, eu acho que eu não teria condições de fazer sozinha. Porque o professor fica lá mas meio que ele empurra pro vizinho, sabe? então tem essa dificuldade (Atleta 5).

Esta falta de preparo por parte dos profissionais para lidar com a pessoa com deficiência visual também é reconhecida pelos próprios treinadores:

As universidades, os cursos em geral, dão pouquíssima ênfase para os esportes voltados para a pessoa com deficiência. às vezes é uma disciplina optativa, muito rápida, que por mais legal que seja, não prepara ninguém (Treinador 4).

Outro empecilho comentado tanto por atletas quanto por treinadores é o da superproteção da família ou cuidadores para com a pessoa com deficiência. A crença de que a deficiência define e incapacita a pessoa permeia pela sociedade e impede que haja estímulos e exploração de possibilidades. De acordo com Lima e Silva (2008 p. 27) “a utilização de rótulos, adjetivações, substantivação da pessoa com deficiência como um todo deficiente”. Assim, diversas atletas encontraram dificuldade para iniciar no esporte em outras atividades de forma independente e autônoma por conta dessa superproteção sofrida:

Eu acho que a autonomia da mulher cega é menor, né? A confiança, a confiança dela nela mesmo, da própria família em deixar a pessoa se locomover sozinha, então muitas vezes as pessoas não chegam até o esporte (Atleta 9).

Minha família por exemplo, me protegia muito, não deixava fazer muita coisa e quando eu comecei a viajar pra competição eh e sem eles, eles acabaram até me deixando um pouco mais solta mais mais tranquila porque eles viam que eu conseguia fazer... Aí aos pouquinhos a gente vai vendo que dá pra fazer tudo não importa a deficiência que se tem (Atleta 6).

Essa visão capacitista afeta diretamente as mulheres com deficiência não só dentro de casa, mas também nos diversos outros ambientes que frequentam. De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão no capítulo IV, artigo 28, parágrafo V, deve ser garantida a “Adoção de medidas individualizadas e coletivas em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes com deficiência, favorecendo o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem em instituições de ensino” (BRASIL, 2015). Porém, na prática, muitas mulheres entrevistadas relataram que desde os anos escolares, a inclusão no esporte é muito limitada, principalmente para aquelas que frequentaram o ensino regular. De acordo com Mahl (2012, p.113), muitos professores de educação física não estão preparados ou não apresentam interesse de se capacitarem para adotar práticas pedagógicas inclusivas

a serem utilizadas em suas aulas que, diante de todo desafio envolvido no processo de inclusão, não apresentam motivação para enfrentá-los.

O que acontece muito é que o professor de educação física fala assim ‘ah você é cega, então senta e espera a aula acabar’. Isso desmotiva demais porque você fala assim ah não vou fazer nada, não tem como fazer, não tem perspectiva nenhuma, então as pessoas até gostam mas perdem a vontade de fazer por conta disso (Atleta 2).

Eu estudava na escola normal da 5<sup>o</sup> série até o terceiro do colegial e quando chegava na aula de educação física, eu ficava sentada sem fazer nada e a gente doidinha para jogar. Mas ninguém me incluía de jeito nenhum (EP).

Por outro lado, quando essas mulheres encontram esses serviços adequados para a sua condição, com atenção especializada e com profissionais preparados, a experiência delas dentro do esporte é muito satisfatória, sendo até porta de entrada para experiências nunca vividas anteriormente:

Minha mãe nunca deixou eu pedalar porque ela tinha medo de eu cair, machucar, quebrar os óculos, então eu comecei a participar depois que eu perdi a visão. É bem curioso isso. E eu adorei, apaixonei pela bicicleta. Estou praticando ainda hoje, né? Com os projetos que tem aí. Junto com a associação aqui de Ribeirão (Atleta 5).

## **Diferenças de Gênero**

Historicamente o esporte, no Brasil e em grande parte do mundo, é tratado e visto de forma diferente quando se trata do gênero dos atletas e até mesmo dos profissionais que auxiliam o esporte. Por exemplo, em 1941, há menos de 85 anos atrás, Getúlio Vargas sancionou no Brasil o decreto-lei 3.199 cujo artigo 54 proibiu as mulheres de praticarem esportes “incompatíveis com as condições de sua natureza”. Este decreto deixou as mulheres fora de práticas como futebol e lutas por 42 anos, quando somente em 1983 a lei foi efetivamente revogada. Apesar da revogação, as consequências dessas proibições do passado ainda estão se repercutindo até hoje, por exemplo, foi somente em 2012 que o Brasil conseguiu ter mulheres em todas as modalidades olímpicas que os homens também competiam. E na mídia também não é

diferente, foi somente em 2019 que uma emissora de TV aberta transmitiu todos os jogos da seleção feminina na Copa do mundo feminina de futebol, o esporte mais praticado e difundido no país.

Dessa forma, as dificuldades das mulheres vão muito além de leis proibitivas ou permissivas. De acordo com Souza e Knijnik (2007, p.45), socialmente as mulheres têm que lutar muito mais para serem reconhecidas como atletas, conseguirem patrocínio e oportunidades e condições de treino do que os homens. Isso se dá pois existe uma banalização da mulher atleta, ligada a estereótipos femininos associados à fraqueza física e psicológica, que nega seu poder atlético e minimiza a importância do esporte praticado por mulheres em relação ao esporte praticado por homens.

Para as pessoas com deficiência, essa diferença de gênero muitas vezes não é diferente. Durante a coleta de dados da pesquisa, grande parte das equipes contatadas só possuíam equipes masculinas ativas e, também, da menor participação geral das mulheres nos campeonatos e treinos das modalidades pesquisadas neste artigo. A exemplo dessa diferença, no campeonato brasileiro de goalball de 2022, apenas 12 times femininos participaram da série A, enquanto que foram 15 masculinos e, em 2021, entraram no campeonato 8 times femininos em contrapartida a 12 masculinos. Uma diferença média de 26% de maior participação de equipes masculinas (CBDV, 2022).

Para todos os treinadores entrevistados, essa diferença quantitativa entre o número de atletas da categoria feminina e masculina também é percebida:

Sempre a gente tem observado um número bem menor de categoria feminina disputando essas competições regionais. Sempre bem menor que o masculino (Treinador 2).

Quando a gente observa as oportunidades de bolsa atleta por exemplo de incentivo a continuação do esporte, tem muitas bolsas pras mulheres e poucas vagas (preenchidas). As competições que eu tenho ido sempre observo que há menos mulheres, menos equipes quando se trata do esporte coletivo e menos também nos esportes individuais (Treinador 4).



Já para as atletas, houve uma discrepância de relatos, três delas disseram que observavam uma quantidade igual entre homens e mulheres nos locais que praticam ou competem, enquanto que as outras seis afirmaram ter mais homens em sua categoria do que mulheres. É possível que essa diferença esteja relacionada ao tipo de esporte praticado, uma vez que de forma geral, existem esportes, principalmente os individuais, em que a mulher é mais aceita do que em outros. O relato a seguir descreve uma situação que exemplifica essa separação:

Minha família falava, minha avó dizia, você tem que fazer ballet, tem que fazer natação, isso aí (goalball) não é esporte para menina (Atleta 7).

Ademais, dentre essas seis, quatro delas relataram participar de times esportivos predominantemente masculinos, sendo as exceções femininas em seus contextos.

A gente vê aquele montão de homens e só um grupinho de mulheres. Quando eu fui competir natação em Brasília foi assim, um ônibus lotado de homens e só quatro mulheres (Atleta 1).

Não se tem times femininos. Eu entrei no fut5, o meu treinador me avisou, disse 'eu te convido desde que você não se importe com uma coisa: provavelmente você vai ser a única mulher no meio dos homens' (Atleta 3).

Questionadas do porquê acreditam que essa diferença numérica existe, tanto elas quanto os treinadores trouxeram que não existe uma diferença significativa de oportunidades para homens e mulheres dentro do esporte para a pessoa com deficiência visual, uma vez que os times e campeonatos buscam sempre incluir as duas categorias.

Por outro lado, a questão cultural que faz com que o esporte não seja visto como uma atividade feminina pela sociedade, foi o motivo mais trazido pelas atletas. Dessa forma, as atletas e os treinadores veem uma falta de interesse pelo esporte por parte das mulheres, por não verem o papel social de atleta como possível para si.

A gente vai encontrar muito ainda a mulher como sendo a pessoa que cuida da casa, a mulher como sendo a pessoa que cuida dos filhos apenas e muitas vezes como sendo a pessoa que ela não pode fazer algo pra ela, ela tem que sempre fazer algo pros outros, né? E o homem não, o homem já é incentivado

a sair de casa, ele já é incentivado a ter uma vida social mais ativa do que a mulher. Então acho que isso faz muita diferença na hora da prática esportiva (Atleta 9).

Os treinadores trouxeram outra visão sobre o tema. Dois deles apontaram que a falta de atletas na categoria feminina vem de uma falta de experiência, oportunidades e incentivos para a prática esportiva desde a infância.

Na parte da inclusão também, porque se você exclui essa criança de sua participação, a menina vai ter dois problemas ali, né? Enfim, de se sentir diferente do grupo masculino e de ter uma deficiência e não se sentir incluída na atividade. Eu acredito que ainda é um trabalho de formiguinha que pelo menos nós profissionais temos estudado bastante pra extinguir esse tipo de abordagem que é excludente (Treinador 1).

A diferença maior eu acho que é a cultura também a cultura esportiva feminina, né? As mulheres muitas delas tiveram muito menos experiência do que os meninos (Treinador 2).

Apesar das vagas existentes para a prática, o caminho para as mulheres chegarem até essa prática é muito mais longo e difícil do que para os homens, assim como a permanência delas no esporte. A questão dos papéis sociais esperados da mulher, que inclui o papel de mãe e cuidadora do lar, é muitas vezes um empecilho para a permanência da mulher tanto no esporte como no lazer como no de alto rendimento. Assim, apontam os relatos das atletas e de treinadores:

Tem sim essa diferença mesmo porque as mulheres tem sempre aquela questão voltada aos filhos, então tem a pausa pra ter o seu próprio filho, período de ser mãe, enfim. E aí tá no alto rendimento, baixa o seu rendimento por conta desse período, depois a volta não é tão fácil, né. Enfim, nos campeonatos regionais e brasileiros a gente tem uma quantidade menor sim de times participantes da equipe feminina (Treinador 1).

Por ser mulher quando a gente faz uma atividade esportiva você tem a questão de ser mãe, né? Sou mãe, fui mãe enquanto atleta ainda e eu acho que isso é uma coisa que a sociedade sobrecarrega muito a mulher. Primeiro pela própria questão fisiológica, né? Que você tem a sua vida diretamente impactada, a sua vida esportiva diretamente impactada por uma gestação. E depois a questão social, né? Dos cuidados com o filho que muitas vezes a sociedade cobra muito mais. A sociedade e a gente mesmo, né? Cobra muito mais da mulher do que do homem. Então acho que isso também impacta na vida esportiva (Atleta 9).

Além da falta de times apropriados para a prática, a falta de representatividade e oportunidades de crescimento dentro do esporte feminino, são fatores que desmotivam a prática, como apontado por Atleta 2 no seu relato:

Não se tem uma seleção brasileira (de Fut 5 feminino) para você almejar crescer, chegar lá, para disputar grandes campeonatos. Então acho que essa questão da falta de acessibilidade mesmo, desmotiva muito a procurar (Atleta 2).

Entretanto, quando questionadas sobre o olhar social para a mulher atleta, houveram discrepâncias nas respostas. Enquanto algumas afirmaram que não viram diferenças na forma que são tratadas com relação aos homens, outras afirmaram que existe sim uma depreciação de suas capacidades por serem mulheres. Dois recortes de entrevistas estão postos a seguir para representar essa contradição encontrada:

Nunca me senti tipo ‘isso você não vai conseguir fazer porque você é mulher’. No projeto a gente já participou de desafios de pedalar no canavial e o pessoal fala ‘vamo, que você dá conta’, então acho que é o contrário (Atleta 5).

Eu gostaria muito que mudasse a maneira de ver a mulher porque muitas pessoas que veem a mulher sem nenhuma capacidade, não depositam uma total confiança nelas (Atleta 3).

As vezes eu quero ser mais exigida, né?... Mas por eu acho assim por eu ser mulher e estar no... e estar nesse esporte assim eu sinto essa diferença ainda muito grande assim da equipe feminina com a masculina (Atleta 7).

## **Autoestima**

A autoestima foi um tema bastante comentado durante a pesquisa, uma vez que o esporte mostrou ser um grande auxiliar na auto imagem, na relação com o próprio corpo e no processo de aceitação da deficiência dessas mulheres. De acordo com Allsen, Harrison e Vance *apud* Bavoso (2017, p.34) a atividade física está associada ao aumento da euforia, da auto eficácia, do autoconceito e da autoestima. Os relatos abaixo corroboram esta afirmação:

Você se sente mais corajoso também né, se sente mais dono do seu corpo, do espaço ao seu redor. Você fica mais confiante, então acho que isso ajuda bastante (Atleta 5).

Eu ficava o tempo todo dentro do quarto ou em qualquer lugar que minha mãe me levava, eu tinha vergonha das pessoas eu tinha preconceito comigo mesma, né, por ser cega. Preconceito de andar com uma bengala... E foi através do esporte que eu venci esses meus medos e os meus preconceitos (Atleta 7).

Eu era muito tímida né, quase não conversava, tinha vergonha da minha deficiência, tinha muita vergonha de falar sobre a minha deficiência, hoje não, hoje é mais tranquilo (...) Hoje eu consigo me expressar melhor (Atleta 4).

Esse processo de aceitação da deficiência também aparenta estar relacionada ao contato com outras pessoas com deficiência que o esporte proporciona, associado à quebra da imagem capacitista construída socialmente. Como aponta o seguinte relato:

Eu lembro que em uma das competições que eu fui, um ônibus foi na academia pra me pegar e levar pro lugar da competição. Tinha uma moça no ônibus que ela só tinha um pedaço da perna e ela era muito linda, ela era meio alta, toda loira, parecia uma princesa. Aí eu (pensei) nossa, como pode uma moça tão bonita e ela não ter a perna inteira? (Atleta 8).

Essa percepção de mudança também ocorreu por parte dos treinadores. Dois dos quatro entrevistados colocaram melhora na autoestima, especialmente das atletas do sexo feminino, após a prática de atividade física regular:

Especialmente, eu sinto que as mulheres que estão no esporte demonstram uma autoestima maior, se sentem mais confortáveis na própria pele, aceitam mais facilmente a deficiência ou convivem melhor com isso. Alguns deles provavelmente nunca aceitarão mas tendem a viver com mais tranquilidade em relação a saber que a deficiência não vai mudar, então vai fazer o melhor da vida nessa condição (Treinador 4).

## **Considerações Finais**

A partir dos resultados encontrados na pesquisa, podemos concluir que a prática esportiva tem um potencial muito importante na ressignificação do propósito de vida e na sensação de autoeficácia das atletas. O senso de incapacidade que a deficiência carrega é derrubado quando o esporte entra em cena e demonstra que, para além das quadras e piscinas, a mulher com deficiência é capaz de pertencer e se apropriar de sua

própria vida e das diversas camadas que a compõem. Além de colocar a mulher com deficiência em um espaço de compartilhamento de vivências e identificação com um outro semelhante que valida a sua potencialidade e amplia sua participação social a partir de uma abertura para novos núcleos sociais e contextos fora da proteção familiar ou de cuidados em saúde.

Por outro lado, a falta de acessibilidade, recursos e oportunidades para vivenciar o esporte, é um fator que afeta toda a potencialidade da prática. Não há, no Estado de São Paulo, locais, horários e profissionais suficientes ou adequados para que ocorra uma prática acessível e satisfatória para a grande maioria da população em questão. E que, por isso, o desempenho ocupacional que está relacionado com o envolvimento do sujeito com as suas ocupações e papéis sociais é aprimorado mas com ressalvas advindas dessas limitações sociais e estruturais para com a prática esportiva.

Assim, considerando que o terapeuta ocupacional, que tem como objetivo a busca pela maior autonomia e independência das pessoas a quem atende ou com quem atua, utilizando-se da avaliação ocupacional e considerando o desempenho e papéis ocupacionais a prática esportiva se mostra como um importante recurso para promover uma maior participação nas ocupações e atividades que são significativas para o sujeito, além de ampliar as possibilidades de participação social, lazer e trabalho. Espera-se que, para além da mera prática dentro de quadra, possa-se buscar possibilidades de acesso, adaptações, acesso a informações e identificação de potencialidades para que a prática esportiva seja possível e aproveitada em sua totalidade pelas atletas com deficiência visual.

Por fim, vê-se a necessidade de novos estudos mais aprofundados em cada modalidade de prática, visto que as vivências e perspectivas podem variar de acordo com o esporte praticado. Além disso, foi observada uma falta de estudos sobre o esporte

paralímpico para a mulher atleta, havendo a necessidade de mais dados na literatura acerca do tema.

## REFERÊNCIAS

ALLSEN, P.E.; HARRISON, J.H.; VANCE, B. **Exercício e qualidade de vida: uma abordagem personalizada**. São Paulo: Manole. 2001 *apud* BAVOSO, D. *et al.* Motivação e autoestima relacionada à prática de atividade física em adultos e idosos. **Rev. Bra. Psic. do Esp.**, Brasília, v. 7, n.2, 2017.

AZEVEDO, P.H., BARROS, J.F. O nível de participação do Estado na gestão do esporte brasileiro como fator de inclusão social de pessoas portadoras de deficiência. **R. bras. Ci e Mov.** v. 12 n. 1. 2004. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/546>. Acesso em: 10 Out. 2023.

BAVOSO, D. *et al.* Motivação e autoestima relacionada à prática de atividade física em adultos e idosos. **Rev. Bra. Psic. do Esp.**, Brasília, v. 7, n.2, 2017.

BLAIN, J; TOWNSEND, E. Occupational Therapy Guidelines for Client-Centred Practice: Impact Study Findings. **Canadian Journal of Occupational Therapy**, v.60, n.5, p.271-285, 1993. doi:10.1177/000841749306000508.

BRASIL. **Decreto-lei nº 3.199, de 14 de Abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro. 1941.

BRASIL. **Lei Nº 13.146, de 6 de Julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF. 2015.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS PARA DEFICIENTES VISUAIS (CBDV), 2022. Disponível em: <https://www.cbdv.org.br/>. Acesso em: 4 de Julho de 2023.

FERREIRA, M.R.; BOTOMÉ, S.P. **Deficiência física e inserção social: a formação dos recursos humanos**. Ed. da Fundação Universidade de Caxias do Sul. 1984. *Apud* SOUZA, D.M.X. **Ampliação do Repertório Funcional de Portadores de Deficiência Física**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2955/DissDMXS.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 4 dez 2023.

GOMES, D.; TEIXEIRA, L.; RIBEIRO, J. **Enquadramento da Prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo**. 4. ed. Versão Portuguesa de Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process 4th Edition (AOTA - 2020). 2021.

GRUBANO, E.C. **O esporte adaptado como fator de inclusão social para pessoas com deficiência física**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. 2014. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/3075>. Acesso em: 20 Out. 2023.

INTERNATIONAL BLIND SPORTS ASSOCIATION (IBSA). 2005. Disponível em: <https://ibsasport.org/>. Acesso em: 2 de Julho de 2023.

LIMA, F.J.; SILVA, F.T.S. Barreiras atitudinais: obstáculos à pessoa com deficiência na escola. In: SOUZA, Olga Solange Herval (org.). **Itinerários da Inclusão Escolar: múltiplos olhares, saberes e práticas**. Porto Alegre. 2008.

MAHL, Eliane. **Práticas pedagógicas dos professores de educação física frente a inclusão de alunos com deficiência**. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/3093>. Acesso em: 4 Dez 2023.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

OLIVEIRA, C. H. S. de. *et al.* O goalball como possibilidade de inclusão social de pessoas com deficiência visual. **Pensar a Prática**, v.16, n.1, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feff/article/view/16460>. Acesso em: 4 Dez 2023.

RANIERI, L.P.; BARREIRA, C. R. A. A superação esportiva vivenciada por atletas com deficiência visual: análise fenomenológica. **Rev. bras. psicol. esporte**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 46-60, dez. 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198191452010000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198191452010000200005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 04 dez 2023.

SILVA, M. R.; *et al.* Visual impairment, rehabilitation and International Classification of Functioning, Disability and Health. **Revista Brasileira de Oftalmologia**, v.73, n.5, p.291-301, 2014.

SOUZA, D.M.X. **Ampliação do Repertório Funcional de Portadores de Deficiência Física**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2955/DissDMXS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 4 dez 2023.

SOUZA, J.S.S; KNIJNIK, J.D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007.

WHO. **Eye Blindness and vision impairment**. [online]. Disponível em: <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/blindness-and-visual-impairment>. ago. 2023. acesso em: 10 de Agosto de 2023.

WHO. International Classification of Diseases for Mortality and Morbidity Statistics (ICD-11). 11 rev. 2018.

**Endereço dos(as) Autores(as):**

Julie King Gottberg  
Endereço eletrônico: julie.gott@usp.br

Leonardo Martins Kebbe  
Endereço eletrônico: kebbe@fmrp.usp.br

Regina Yoneko Dakuzaku Carretta  
Endereço eletrônico: reginadc@fmrp.usp.br